



CANTIGA NA SEARA

Alma querida escuta!

*Na gleba que o Senhor te concede lavrar,
Não procure descanso... Olha o serviço à espera,
Esquece-te no bem, semeia, persevera,
A colheita futura exige trabalhar...*

*Não te prendas à teias de amargura,
Do passado a lição é a dádiva que fica
Ajudando a pensar na existência mais rica
De alegria, bondade, entendimento, altura...*

*Olvida o que te doa ou perturbe a lembrança,
Fita a árvore antiga despojada,
Recompondo em si mesma o fulgor da ramada
Para depois cobrir-se em garbos de esperança...*

*Folhas mortas na leira em sentido profundo
São apenas adubo para o chão,
Enquanto o vegetal servindo ao mundo,
Sobe em franca ascensão.*

*A terra que o Senhor te entregou a zelar
É formada de espíritos em prova,*



*E o teu amor é a força que os renova,
Porque o amor em si é um gênio tutelar.*

*Sigamos, tempo afora, enquanto é dia...
Quanto trabalho em tudo a exigir-nos presença
E ação que rompa a treva que se amplia
Onde a revolta espalha a tristeza e a doença.*

*Aqui, a dor é um charco esperando o carinho
Das mãos de um lavrador que o socorra e suporte
Quase rente à penúria em pedras do caminho
Rogando um braço irmão que o liberte da morte.*

*Além, a ignorância lembra praga
Tentando carcomer a fé recém-nascida,
Nos cérebros em fogo a loucura divaga,
Pregando a negação e conturbando a vida!...*

*Não te detenhas... Vem!... Não temas
sombra ou lama,
O amor de Deus em ti é um dom vivo e perfeito...
Nada pergunes, serve... E nem critiques, ama!
O Céu te falará na acústica do peito...*

*Toda a Terra de agora é um campo sem limite
Onde o Cristo nos chama ao labor renascente...
Bendito o servidor ante o novo convite
Que responda a Jesus: "Senhor estou presente!"*



PÁGINA ÀS MÃES

*Mães queridas,
Vós que perdestes filhos bem-amados,
Somando tantas vidas
A que destes carinhos e cuidados,
De que só Deus na vida sabe a conta;
Mães, cuja imensa dor não se confronta
Com qualquer sofrimento que há no mundo,
Por mais rude e profundo,
Quisera amenizar-vos as feridas,
Que vos fizeram contundidas,
Súplices, desoladas, semimortas...
Entretanto, ai de mim!...
Com que verbo, meu Deus, poderia expressar
A dor que vos desfez a ventura do lar?
Como suprimiria
A sombra que vos guarda a suprema agonia?
De que modo afastar de vossa mente
Esses quadros crueis que desenhais,
Manejando o pincel de angústia e espanto
Que humedeceis no fel de vosso pranto,
A dizer: "Nunca mais...?"*